

Entre o paraíso e o inferno: a natureza nas representações da conquista dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso (século XVIII)

Prof^a Ms. Thereza Martha Borges Presotti

Departamento de História/ UFMT-Universidade Federal de Mato Grosso e
doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UnB

Em nossa contemporaneidade, a espacialidade conhecida geopoliticamente como estado de Mato Grosso e centro da América do sul, além de conter em seu território os biomas do Pantanal, Cerrado e Amazônia, compondo uma condição de especial biodiversidade ecológica, 38 nações indígenas têm neste mesmo espaço suas terras “reservadas” desenhando fronteiras de complexa diversidade cultural, em permanentes relações com a sociedade nacional.

O *Pantanal*, nome dado no século XVIII ao ambiente que compreende uma rede de rios formadores da bacia do rio Paraguai/Prata, além de Parque Nacional e Patrimônio da Humanidade, passou a ser considerado pela Unesco como Reserva da Biosfera do Planeta. Portanto, esta “natureza” vem sendo representada nas décadas finais do século XX e entrada deste novo milênio como mais um cenário de responsabilidade global, *fronteira de reserva ecológica* para a conservação da biodiversidade e do clima planetário. Neste mesmo *complexo de águas* a proposta de construção da Hidrovia Paraná-Paraguai, para atender o Mercosul, vem provocando polêmicos embates. Quanto ao *Cerrado*, apesar da criação de Parques ou áreas de preservação nas últimas décadas, a expansão das monoculturas de arroz, soja, algodão, e as pastagens, dominam a paisagem, causando outros sérios problemas ambientais e sócio-culturais. Na *Amazônia*, a expansão da fronteira agrícola desencadeada principalmente a partir da década de sessenta do século XX, viabilizada através de projetos de colonização de capitais públicos e/ou privados, a construção de estradas como a BR 364 (Cuiabá/Porto Velho-RO) e a BR 163 (Cuiabá-Santarém-PA), fizeram surgir diversas cidades, grandes agro-pecuárias, causando fortes impactos na floresta com a exploração madeireira e uso de queimadas para liberação de grandes áreas para pastagens, além dos garimpos, que ainda vêm provocando irreversíveis danos nos solos e nas águas. As diversas comunidades indígenas, novamente pressionadas, vão vivenciar violentos conflitos.

Teses com discussões a respeito das relações da sociedade com a natureza no século XIX e primeira metade do XX, evidenciaram nas narrativas de viajantes estrangeiros e nacionais, nos discursos de autoridades políticas e empresariais e da imprensa, um conjunto de representações da Província e do atual estado de Mato Grosso, como lugar pobre e longínquo,

habitado por “selvagens indômitos”, onde a natureza em sua exuberância e abundância precisava ser vencida pelo avanço da “civilização”.¹ E em tempos de colonização mais recente, é possível constatar que o imaginário dos migrantes que vem de outras regiões do país está povoado de uma série de “causos”, onde no Mato Grosso, os “índios selvagens” podem atacar até nas ruas das cidades junto a feras perigosas como onças, jacarés, cobras etc.²

Por outro lado, na onda do eco-turismo, imagens pela mídia divulgam a atrativa natureza pantaneira mato-grossense em toda sua exuberância paradisíaca: paisagens repletas de pássaros e jacarés, uma grande fartura de peixes, a emblemática sucuri e a temida onça, e outros tantos curiosos animais a “conviverem” nas pousadas e/ou fazendas de gado. Frequentes matérias jornalísticas também tratam do Cerrado e da Amazônia, esta última em maior evidência atualmente, seja para a divulgação de pesquisas ecológicas, de encontros científicos ou eventos voltados para políticas de desenvolvimento sustentável que anunciam e reforçam idéias da rica biodiversidade, potencialidades a serem “descobertas”, a abundância das águas e das terras, as culturas exóticas etc. Neste mesmo sentido, atraem grande audiência imagens de indígenas recém contatados, o conhecimento da floresta ou o tema dos rituais xamânicos com uso de ervas curativas.

Mas, contraditoriamente, diante de interesses de grandes empresas multinacionais ou nacionais, visando atrair projetos e investimentos, a contínua reprodução de discursos que divulgam tais espaços “vazios” ou muito pouco aproveitados em suas riquezas, acompanhado do conhecido dito popular de que “é muita terra para pouco índio” já que habitada por índios no estágio primitivo da “idade da pedra”; e ainda àqueles debates que subvertem e depreciam veementemente os projetos de ONGs ambientalistas e indigenistas, principalmente quando tratam da criação de áreas protegidas ou demarcação de terras indígenas. Tais discursos denunciam enfim a incompetência e ineficácia da elite regional na exploração “racional” dos recursos naturais e a premente necessidade da expansão do “desenvolvimento” por *novos bandeirantes*, prontos a colonizar este “promissor” estado, para então retomar sua vocação de “celeiro do país” ou como área privilegiada de expansão da fronteira agrícola.

Este recorte de tempo presente é para lembrar de que o historiador, ao invocar vozes do passado, esta vivenciando um presente pleno de contradições (que aí estão para esquentar

¹ Ver teses de doutorado de Lylia da Silva Guedes Galetti, *Nos confins da “civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*, São Paulo: FFLCH/USP, 2000; e de Inês Malta Castro, *Sociedade e Natureza em Mato Grosso (1850 -1930)*, Brasília: CDS, UnB, 2001

² Em Curso de Educação Ambiental “História de MT: Sociedade e Natureza” por mim ministrado (2002) em Juína, Castanheira e Juruena, cidades ao norte de MT, estas visões foram evidenciadas em entrevistas com professores.

ainda mais estas fronteiras) e que assim como neste presente, no passado, também havia projetos de futuro da sociedade em relação à natureza.

Proponho neste texto apresentar algumas reflexões preliminares e resultados parciais de minha pesquisa³, delimitados na fase inaugural da conquista dos *sertões e minas do Cuiabá e do Mato Grosso*, as três primeiras décadas do século XVIII, sob a administração da Capitania de São Paulo (1719-1748), tendo como pólo colonizador a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá onde estão enfatizadas as ligações no eixo sul, através das monções pelos rios da bacia do rio Paraguai, no ambiente do Pantanal; e o momento inicial de expansão da fronteira colonial na margem oriental dos Guaporé, ambiente de Floresta Amazônica, quando “descobertas” as minas do Mato Grosso nos *sertões do Pareci*. Observo ainda estar atenta ao quadro mais geral do contexto econômico, político, social e cultural-científico da Europa Moderna, no sentido de reconhecer os direcionamentos dados pelo Império português no processo de expansão das fronteiras coloniais nesta parte da América.

Para tornar mais explícito o meu objeto de estudo, proponho re-visitatar nas temporalidades e espacializações da conquista e formação de uma sociedade colonial nesta parte central do continente sul-americano, as narrativas construídas ou “representações” acerca da natureza, caracterizada em suas mais diversas manifestações. E, ao tratarem dos *costumes dos gentios*, ver revelados os usos dos recursos naturais pelos habitantes “naturais” - os “índios”. Penso assim poder trazer contribuições para a compreensão de aspectos constitutivos das relações da sociedade com a natureza, as práticas sociais e culturais, vistas em suas dimensões históricas, seculares. Acredito ainda que ao incorporar resultados desta pesquisa no ensino de história, creio poder participar da construção dos novos paradigmas educacionais no campo da educação ambiental, introduzindo novos ângulos para repensar nosso passado e presente, onde a história contribua para refletir as relações históricas das sociedades com a natureza na produção de novas práticas sociais.

Penso que para compreender a teia de significações acerca da *Natureza*, em primeiro lugar, o entendimento de que se constitui em uma dada realidade social e que se formula e reformula ao longo dos processos históricos, sendo *representações* acerca do mundo natural, percepções elaboradas nas relações historicamente construídas por indivíduos em sociedades de onde emergem as práticas sociais, culturais. Portanto, é no campo da história cultural, no estudo das representações que busco assim “identificar o modo como em diferentes lugares e

³ Refiro-me à pesquisa de tese de doutoramento que desenvolvo na UnB, sob a orientação do Prof. Dr. Corsino Medeiros dos Santos com o título “*Natureza e Sociedade na conquista colonial da Capitania de Mato Grosso: a parte central da América do sul (1718-1792)*”

momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.⁴ Os espaços e demais aspectos do ambiente natural são vistos, sentidos, definidos, desenhados, narrados por sujeitos em suas temporalidades, conforme suas relações sociais, econômicas, políticas. Então reflito com Keith Thomas:

O interesse pelo ambiente natural e as preocupações com a relação entre o homem e as outras espécies costumam ser vistos como fenômenos recentes (...) Para entender tais sentimentos atuais devemos retornar ao início do período moderno. Com efeito, foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações de maneira pela qual os homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos, como o lugar do homem na natureza, foram descartados nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, as plantas e a paisagem.⁵

No sentido desta reflexão, Francisco Carlos Teixeira da Silva ao tratar do campo da “História das Paisagens” e da historicidade desta abordagem, diz da importância compreensão das relações de interdependência entre *Natureza e Cultura*:

Desde o final do século XVIII há, entretanto, uma sólida tendência de se pensar a natureza em oposição ao homem ou à “cultura”. Particularmente o idealismo e o romantismo alemães, no século XIX forçaram uma distância absoluta entre *Natur* e *Cultur*.(...) Tal visão contaminou fortemente a história, como as demais ciências sociais(...). Especialmente na história econômica a distinção assumiu aspecto absoluto. Aí a paisagem que envolvia os homens foi percebida como um dado da natureza, anterior e autônoma em relação ao homem (...) Mesmo o “olhar treinado” não percebia, de imediato, em paisagens ditas naturais - como a floresta equatorial úmida ou na savana -a decisiva ação do homem. (...) Devemos entender a natureza não mais como um dado externo e imóvel, mas como um produto de uma prolongada atividade humana: ... “a natureza virgem não é mais do que um mito criado pela ideologia de civilizados sonhadores de um mundo diferente do seu.”⁶

Ao tratar de percepções do mundo natural e colonização das terras na América do norte na fase de expansão colonial inglesa, o historiador Keith Thomas, reflete acerca de algumas questões que sugerem possíveis semelhanças no processo da conquista colonial no centro da América do sul.

⁴ Neste sentido tomo como referencia conceitual Roger Chartier, *História Cultural: entre práticas e representações*, 1990, p.16

⁵ Keith Thomas, *O homem e o mundo natural*, 1988. p. 18

⁶ Francisco Carlos Teixeira da Silva, “História das Paisagens”, in: Ciro Flamarion Cardoso & Ronaldo Vainfas, *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, 1997, p. 204

Como teria progredido a civilização sem a limpeza das florestas, o cultivo do solo e a conversão da paisagem agreste em terra colonizada pelo homem? (...) Convertia a natureza em cultura. Terra não cultivada significava homens incultos.(...) E quando os **ingleses** setecentistas mudaram-se para Massachusetts, parte de sua argumentação em defesa da ocupação dos *territórios indígenas* foi que aqueles que por si mesmos não submetiam e cultivavam a terra não tinham o direito de impedir que outros o fizessem.⁷

Enfim, tratar da *natureza em territorialidades*⁸ indígenas na primeira metade do século XVIII no centro da América do sul, descritas por agentes da conquista colonial, remete a um conjunto de significados, representações de “sentidos” em um tempo e lugar pleno de historicidade, onde se compõem e articulam culturas, jeitos de ser e de fazer, no espaço concreto (natural e social-cultural) e transcendente.

Os sertões do Cuiabá e do Mato Grosso

Águas, terras, matos e numerosos *reinos* ou *sertões de gentios* foram percorridos no processo da conquista colonial desta parte mais central da América do Sul.⁹ Desde as primeiras décadas do século XVI, expedições espanholas em busca de lendárias riquezas navegam nos caminhos das águas do rio Paraguai, região que passa a ter registro na cartografia como *Laguna de los Xarayés*, evidenciando tanto a abundância das águas quanto numerosa presença de sociedades ameríndias.¹⁰

De ocupação desde tempos imemoriais por sociedades ameríndias, estas *territorialidades* foram nomeadas nas primeiras décadas do século XVIII por sertanistas apresadores de índios como “*sertões do Cuiabá*”, em referência ao rio Cuiabá, afluente do rio

⁷ Idem, Op. cit., p. 17

⁸ Este conceito está entendido aqui como territórios/lugares onde se incluem, além da forma de ocupação e demarcação do espaço, as relações de sociedades com o mundo natural e sobrenatural, que não se dão isoladamente, e sim em redes dinâmicas de entrelaçamentos sociais e culturais, perceptíveis no conjunto “*dos usos e costumes*” - a produção e reprodução dos diversos bens: da alimentação, da habitação, do transporte, do sagrado, do simbólico etc.

⁹ Consideramos a expressão “*parte mais central da América do sul*” como uma categoria conceitual explicativa para expressar a dimensão continental deste território e assim dar maior visibilidade às espacializações da expansão das fronteiras da conquista colonial na Capitania de Mato Grosso, estudada em seus mais diversos aspectos pelo Grupo de Pesquisa “A terra da conquista: a parte mais central da América do sul - século XVIII”, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Rosa, integrante da Linha 1 “Territórios e Fronteiras: Temporalidades e Espacialidades” do Programa de Pós-Graduação em História da UFMT

¹⁰ Ver Maria de Fátima Costa. *Histórias de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI/XVIII*, 1999.

Paraguai. No ano de 1719 paulistas e portugueses comunicam o “novo descobrimento das minas do Cuiabá”¹¹ onde foram formando arraiais com suas capelas.

Primeiramente, é interessante aqui recuperar o sentido da palavra *sertão*. Janaína Amado nos informa acerca destes significados construídos durante a colonização lusitana:

Com certeza desde o século XIV os portugueses empregavam a palavra *sertão* ou *certão* para referir-se às áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa. A partir do séc. XV, usaram-na também nomear *espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém conquistadas ou contíguos a ela, sobre o que pouco ou nada sabiam*. (...) Sertão foi ainda bastante utilizado até o final do século XVIII pela Coroa Portuguesa e pelas autoridades lusas nas colônias. (...) O rei D. João V cita estes *sertões* como *lugar de minas de ouro, prata e pedras preciosas* (1721). Os sertanistas, acostumados nas entradas aos sertões, ao pedirem auxílio à Coroa descrevem: “*Senhor, não sei o que será feito desses fiéis servos de V.M., abandonados à sorte cruel entre os sanguinários selvagens habitantes desses sertões*”. Se para o habitante de Lisboa, o Brasil todo era um grande sertão, para o habitante do Rio de Janeiro, no século XVI, ele começaria além dos limites da cidade (...) *no obscuro, desconhecido espaço dos indígenas, feras e espíritos indomáveis*; para o bandeirante paulista do século XVII e XVIII, o sertão eram os atuais Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, interiores perigosos mas dourados- lembro aqui da Serra dos Martírios - fontes de mortandades e riquezas, lócus do desejo; para os governantes dessas mesmas capitanias, entretanto, o sertão era o exílio a que haviam sido temporariamente relegados, em seus tão bons serviços prestados à Coroa, variando segundo a posição espacial do enunciante, “sertão” pôde ter significados tão amplos, diversos e aparentemente antagônicos. (...) Finalmente: se foi erigido como categoria pelos colonizadores e absorvido pelos colonos, em especial pelos diretamente relacionados aos interesses da Coroa, “sertão”, necessariamente foi apropriado por alguns habitantes do Brasil colonial de modo diametralmente oposto. Para alguns degredados, (...) para os muitos perseguidos pela justiça real e pela Inquisição, para os escravos fugidos, para os índios perseguidos, (...) para enfim os expulsos da sociedade colonial, “sertão” representava liberdade e esperança; (...) esperança de outra vida melhor, mais feliz. Desde o início da história do Brasil, portanto “sertão” configurou uma perspectiva dual, contendo em seu interior, uma

¹¹ Ver Thereza Martha Borges Presotti. *O novo descobrimento das minas e sertões do Cuiabá: a mentalidade da conquista*. Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB, 1996.

virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso, tudo dependia do lugar de quem falava.¹²

Lembro ainda que o topônimo *Cuiabá*, além de ter evidência de origem tupi-guarani - *cuya*, cabaça que se faz vasilhas para água e alimentos, de usos diversos, - também foi referenciado como sendo nome de *um lote de gentio chamado Cuiabás*.¹³ Uma outra fonte nos leva à palavra *Ikuia-pá*, com som semelhante, significando “lugar de pesca com flecha arpão”,¹⁴ remetendo à *micro-territorialidade bororo*, indicando relações milenares com o ambiente. Mas o que quero destacar é o que este som que permaneceu como nome da capital do estado de Mato Grosso, identifica uma memória que faz recompor o passado da ocupação imemorial: *territorialidade ameríndia*, sociedades que aí viveram construindo experiências em suas relações com natureza, criando culturas, jeitos de ser e de fazer.

A primeira referência a esta parte mais central da América do Sul, com o nome *minas do Cuiabá*, em *discurso historiográfico*, é a de Sebastião da Rocha Pita, em sua *História da América Portuguesa* (concluída entre 1724 e 1728 e publicada em Lisboa no ano de 1730). Assim apresenta alguns aspectos que caracterizariam as *minas* do Cuiabá:

Pouco tempo antes havia descoberto estas novas minas Pascoal Moreira Cabral (...). Estão em altura de vinte e oito até trinta graus ao poente de São Paulo, declinando para o sul.¹⁵ (...) trânsito desde a vila de Itu em grandes canoas, por continuados *rios de perigosa e dilatada navegação*(...), levando os mantimentos de que se haviam de sustentar naquele *país inculto*, enquanto o não cultivassem das plantas e sementeiras precisas para a numerosa gente daquela expedição que ia, assim para lavrar as minas, como para *se defender do gentio bárbaro que habita aqueles distritos*.¹⁶

Na narrativa do cronista José Barbosa de Sá, onde ele mesmo diz ser “*dos segundos que cultivaram estes sertões e examinei tudo que nele havia*”, busco algumas das primeiras versões da paisagem percorrida e nomeada no processo da conquista colonial dos *sertões do Cuiabá e*

¹² Janaína Amado, “Região, Sertão, Nação”, in: *Estudos Históricos: História e Região*, 1995, pp 145-151.

¹³ Citada por Antônio Pires de Campos como nome de *nação de gentio* habitante do rio Cuiabá em “Breve Notícia que dá o capitão (...) do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo, (...)” In: Afonso de Taunay. *Relatos Sertanistas*, 1981, p.191

¹⁴ Enciclopédia Bororo.

¹⁵ Esta localização do Cuiabá ou é puro desconhecimento, ou é ocultamento de seu lugar: a latitude é 16° e a longitude é 58° 25'. Silenciando sobre a proximidade do Cuiabá com assentamentos espanhóis circunvizinhos ao rio Paraguai, Rocha Pita mantém as novas minas em lugar praticamente desconhecido. Certamente não ignorava que em obra a ser publicada, não convinha detalhar a localização das novas minas - particularmente dada a vizinhança com espanhóis. É para notar que até 1745 autoridades espanholas de Assunção situavam as minas do Cuiabá próximas a Ouro Preto.(Apud. Carlos Rosa, 1996 p. 39)

¹⁶ Sebastião da Rocha Pita. *História da América Portuguesa*, , 1976, p. 283. Itálicos meus.

do Mato Grosso. Como ponto de partida, destaca a cidade de São Paulo, de onde partiam as entradas aos sertões:

Entre as mais colônias do Brasilíco Estado ou América Portuguesa merece primazias a célebre cidade de São Paulo, formosa planta do venerável Padre José de Anchieta, aonde a fé plantou seu primeiro padrão e arvorou seus estandartes, fazendo *celeiro da Divina Palavra*, para a estender nas *dilatadas sementeiras deste Largo Hemisfério* cultivando os *agrestes silvados do paganismo* em frutíferos vergéis da Igreja Santa.¹⁷

Parece aí evocar o sentido da origem das povoações do Cuiabá e do Mato Grosso como fruto da obra inaciana, que deveria promover “a expugnação das *barbaridades que aqueles lugares ocupavam*”, levada a cabo por paulistas “americanos, operários desta Santa Lavoura, de onde colhiam almas para Deus e utilidades humanas” que, “se estendendo aos longes, tiraram muita soma de indivíduos e reduziam do *agreste estado* ao do cristianismo”.¹⁸ Apresenta estas fronteiras centrais do continente sul-americano como *Largo Hemisfério* povoado de uma gente de natureza “bárbara”, portanto a ser “cultivada”.

Este mesmo cronista, ao tratar das entradas dos paulistas nestes sertões, apresenta a paisagem [o Pantanal] em uma linguagem barroca/cristã que nos faz recordar o Paraíso, onde se pode ler:

Correndo os tempos e continuando aqueles aventureiros as suas conquistas, chegaram a navegar o rio Paraguai, descendo uns pelo [rio] Coxim, outros pelo Embotetei [atual rio Miranda-MS], (...) e entrando *pelas grandes baías*, foram achando tantas *nações de gentes* que não cabem nos arquivos da memória (...) Divertidos com estas gentes e *fertilidade das terras, donde se colhem os frutos sem semear*, esquecidos das pátrias, mulheres e filhos e sobretudo das obrigações de católicos, passavam as vidas anos e anos (...).¹⁹

Navegando então pelo hoje conhecido Pantanal, em suas “largas e dilatadas baías”, chegam ao rio Cuiabá. Na discussão da origem do nome, o reconhecimento do uso da natureza pela gente habitante das margens do rio acima e ainda revelando certa “naturalidade” diante do genocídio de indígenas:

Destes, o primeiro que subiu o rio Cuiabá, assim chamado dizem uns por *acharem em suas margens cabaças plantados de que faziam cuias para seus usos*, outros que

¹⁷ José Barbosa de Sá. *Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*, 1975. p.9 (Itálicos meus)

¹⁸ Idem, *Ibidem*(Itálicos meus)

¹⁹ Idem. *Op. cit*, p. 10

o nome *Cuiabá* procedeu de uma cuia que os primeiros que subiram este rio acharam sobre as águas, que ia rodando, por onde inferiram que havia gente por ele acima e por esta inferência subiram em procura dela, outros disseram que é apelido do gentio que nas margens deste rio habitava. (...) Foi o primeiro que subiu este rio, Antonio Pires de Campos, em procura do gentio *Coxiponé*; chegado a uma aldeia deles, (...), aí prendeu muitos e voltou para baixo, em procura das mais frotas que *andavam por essas largas e dilatadas baías* em procura das mais nações. No seguinte ano [1719] seguiu Pascoal Moreira Cabral o mesmo rumo em procura dos *coxiponés* e chegou ao lugar da aldeia velha já destruída. Não os achando subiu o rio Coxipó-mirim(...) acharam ouro em granetes cravados pelos barrancos. (...) Trataram logo de fabricar casa e lavouras de mantimentos pelas margens dos rios Cuiabá e Coxipó; *extinguindo uma aldeia do gentio*(...) Divulgada a notícia pelos povoados foi tal o movimento que causou nos ânimos que das Minas Gerais, Rio de Janeiro e de toda a Capitania de São Paulo se abalaram muitas gentes deixando casa, fazendas, mulheres e filhos botando-se para *estes Sertões como se fora a terra da promessa ou o Paraíso encoberto em que Deus pôs nossos primeiros pais*.²⁰

Imagens do *Paraíso* em sua narrativa do cenário natural. Evidentes os mitos, emblemas e sinais mentalidade conquistadora ibérica cristã, bem semelhante àquela do século XVI nas mesmas águas do Pantanal por espanhóis e jesuítas.²¹ E onde tem Deus, também o diabo e cenas que assemelham ao inferno:

Ano de 1720 partiram bastantes gentes para estas conquistas (...) padeceram grandes destroços, perdições de canoas nas cachoeiras(...).mortalidade de gente por falta de sustento, *doenças, comidos de onças e outras muitas misérias*(...)Não sabiam pescar nem caçar nem o uso de toldar as canoas que tudo lhes apodrecia com as chuvas, nem o invento dos mosquiteiros para defesa dos mosquitos(...).pelo que *padeceram os que escaparam da morte, misérias sobre misérias* (...). [1722]chegaram gente de povoado com maior destroço que os anos antecedentes, *morrendo muita gente, a fome, peste, comidos das onças, (...) pelas margens dos rios fazendas podres e corpos mortos*(...).²²

Dualidades: entre o céu e o inferno, o bem e o mal, o medo e a coragem, a miséria e a abundância. Concepções que ultrapassam fronteiras, “exagerações” das manifestações do Barroco. Perceptível o espírito antropocêntrico, os fundamentos cristãos do domínio do homem

²⁰ Ibid. p. 10-2 (itálicos meus)

²¹ Ver Maria de Fátima Costa, “Deus e o diabo em terras molhadas”, In: *Territórios e Fronteiras*, 2000, pp. 63-84.

²² José Barbosa de Sá. Op.Cit p. 12-3. (Itálicos meus)

sobre a natureza, a salvação dos perigos pelas bênçãos da *Divina Providência*, conforme narra neste episódio de uma monção no ano de 1722:

(...) moço pobre europeu, vinha agregado a um rico, que trazia cinco canoas e bastante escravatura, adoecendo de enfermidade e fome, (...) O lançou o patrão em terra sobre o barranco do rio dizendo-lhe que ficasse ali e que se pusesse com Deus(...) O pobre João Lopes, armou sua rede *deitou com os olhos no céu* e pela manhã viu um Tamanduá-Açu que subia o barranco (...) que logo estava já com a cabeça sobre ele. Levantou-se procurou um troço de pau que a *Divina Providência* lhe tinha preparado que logo o matou, arrastou para cima na forma em que pode, juntou lenha, fez-se o fogo e chamoscou o Tamanduá, foi com sua faquinha trinchando-lhe as carnes, assando e comendo, com que cobrou alentos e *conservou a vida* (...) ²³

Deste mesmo contexto da conquista do início dos setecentos, um *Roteiro* de um sertanista com *demonstração dos caminhos* para se chegar à que chamou *Província dos coxiponé*, informa da passagem dos jesuítas pelas águas do rio Paraguai rumo às missões, da paisagem dos rios e nascentes nas morrarias [chapadas] e ainda destaca o arroz como produto “natural” :

Os religiosos da Companhia da Província de Paraguai vão de Buenos Aires pelo rio acima (...) pelo rio Paraguai acima e pelos braços deste visitam as muitas missões (...); isto viram com os seus olhos Pascoal Moreira e outros seus companheiros, primeiros descobridores do ouro de Coxiponé, porque estando na barra do rio Botetei, passaram os padres com Bergantim e lhes ofereceram mantimentos de que necessitavam;(...). A última e mais melhor navegação que se pode oferecer para as montanhas de Coxiponé é do Grão Pará, (...) pelo rio dos Tocantins, *o qual é muito manso, espraia, e também tem arroz natural como têm os rios de Paraguai*; por este rio dos Tocantins a que os paulistas chamam Paraupaba, navega-se até a morraria do Coxiponé, onde tem o tal rio a sua fonte, formando-se na mesma morraria da outra parte do rio Cuiabá(...).²⁴

Retomo trecho de uma carta do capitão-general Rodrigo César de Menezes de 1721, onde escreve: “*Do novo descobrimento das minas e sertões do Cuiabá as notícias me são mui gostosas...*”. Informa que estão conquistando os gentios, que são muitos, mas que alguns estão se reunindo aos paulistas e outros espera que logo sejam conquistados. Conta que os paulistas

²³ Idem, Op. cit. pp. 13-14. (Itálicos meus)

²⁴ DEMONSTRAÇÃO dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá e província de Coxiponé, Em A. de E Taunay, *Relatos sertanistas* (1981), p.206.

estão achando ouro, para *glória de Deus e aumentos da Fazenda Real e do bem comum dos Povos*.²⁵ Parecem claras as intenções e os gestos da conquista, o avançar da fronteira colonial portuguesa na *natureza* dos sertões do Cuiabá.

Um comerciante com patente de capitão ao percorrer os rios, partindo do Tiete de São Paulo rumo às minas do Cuiabá, faz um relato da *monção*²⁶ no ano de 1727 e informa do *Pantanal* e da denominação dada a este ambiente pelos que lá moravam – os *cuiabanos*, já no tempo da conquista onde se lê:

(...) pelo Taquari abaixo se gastam 10 ou 11 dias, tem vários sangradouros, que forma grandes lagoas no Pantanal. *Pantanal* chamam os cuiabanos a *umas vargens muito dilatadas*, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá. Este rio Taquari até o meio tem *alguns matos*, o mais *tudo são campos*; dizem que de *uma e outra parte há gentios*; mas supõem-se que *são restos* de algumas nações que os sertanistas conquistaram.²⁷

Seguindo sua descrição, vai narrando que no rio Camapuam “*tem muitos excelentes matos*” e no rio dos *Porrudos* “*abundância de peixe, caça, e que não faltam onças, que tem feito algumas mortes (...) e um formoso bananal, que foi do gentio, de onde foram as primeiras mudas para o Cuiabá (...)*”.²⁸

Nestes breves trechos extraídos da narrativa de um monçoeiro que viajava pelos rios no ambiente da conquista, já se pode ter uma idéia da riqueza das informações contidas no conjunto de fontes “*Notícias Práticas*”. Estas *Notícias* foram reunidas pelo padre jesuíta português Diogo Soares, naturalista e cartógrafo, um dos “padres matemáticos” (astrônomos) contratados a partir de 1722 por D. João V para refinar a cartografia da América portuguesa. Estas *Notícias* informam do ambiente e podem esclarecer importantes aspectos das representações da natureza, bem como das territorialidades ameríndias estabelecidas ao longo dos rios. Interessante ainda observar da informação da introdução e circulação de espécies vegetais como a banana, na sociedade colonial que se constituía nas minas do Cuiabá.

Deste mesmo conjunto documental reunido pelo padre matemático, trato agora da *Breve Notícia...* de Antônio Pires de Campos, referência importantíssima, pois além de

²⁵ Carta de Rodrigo César de Meneses à Aires Saldanha. (São Paulo, 20/12/1721). Mss, mfcha 1, nº 215. AHU, NDIHR/UFMT (Núcleo de Documentação e Informação histórica Regional). (Itálicos são meus).

²⁶ Nome dado às frotas de canoas que navegavam pelos rios. Partiam de rio Tiete/Porto Feliz (SP) indo até Cuiabá, duravam cerca de 4/5 meses e tinham como objetivo principal o comércio de mantimentos e transporte do ouro e missões oficiais de autoridades portuguesas. Ver: Sérgio Buarque de Holanda. *Monções*. (3ª ed. ampliada), 1990.

²⁷ Notícias práticas das minas do Cuiabá e Goias, na Capitania de São Paulo, que dá reverendo Padre Diogo Soares o capitão João Antônio Cabral Camelo, sobre a viagem que fez às Minas do Cuiabá no ano de 1727. In: Afonso de E. Taunay. *Relatos Monçoeiros*, 1981, p.123 (itálicos meus)

²⁸ Idem, Op. cit., p. 126 (itálicos meus)

descrever e trazer a dimensão incomensurável da ocupação por “infinitos reinos de gentios” apresenta aspectos bastante peculiares do ambiente e das relações destes reinos com os recursos naturais. Para se ter uma idéia, eis aqui apenas o título desta “Breve Notícia”:

Breve notícia que dá o capitão Antonio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo, na qual declara-se os reinos a que chegou e viu por maior, sendo em tudo diminuto, porque seria processo infinito se quisesse narrar as várias nações, nos mesmos *usos e costumes, trajes e vantagens que fazem*, e menos numerá-las, por se perder o algarismo, principalmente no dilatado reino dos Pareci, tão extenso e dilatado e seus habitantes por extremo asseadíssimos e estáveis e tão curiosos que podem competir com as mais das nações do mundo no seu tanto, e dos que aqui não faz menção o farão outros mais curiosos que ele. Só o faz do que a experiência lhe tem mostrado no decurso de tantos anos, até o dia 20 de maio de 1723.²⁹

Ao longo da viagem, descreve rio a rio e seus gentios *bárbaros* habitantes. Mesmo denunciando que “*seria processo infinito se quisesse narrar as várias nações, e menos numerá-las, por se perder o algarismo*”, cerca de cem etnônimos ameríndios são nomeados ora como *nações de gentios*, ora como *lote de gentios*. Na maioria das descrições dos *mesmos usos e costumes, trajes e vantagens que fazem*, diz que viviam de *corsos e montarias*. Estas expressões tanto podem significar trocas contínuas, pois *corso* está aí definido como uma espécie de saque que executavam uns aos outros; quanto a biodiversidade e capacidade de sustentabilidade no ambiente, sendo que *montarias* diz respeito à caça principalmente, e ainda à coleta de frutos e demais plantas e produtos da natureza para a produção cotidiana das armas, canoas, habitações, ervas medicinais, remédios e muitos outros diversos usos.

Em outros trechos de sua narrativa, a evidência das lavouras ou “cultura” das terras:

Por este rio [Taquari] habitou muito gentio, e habita parte por ele abaixo, tanto de uma banda como da outra, (...) o maior lote que houve é chamado de *Achihanes* e o outro lote *Escolhexes* (...) assistem à beira do rio Taquari e *pela terra a que chamamos vargens* onde habitam várias nações de gentio (...) e no viver não diferem uns dos outros, *vivem de montarias, algumas lavouras que têm de mandioca, e suas batatas coisa mui pouca*, é gente sem aldeias, nem lugar certo, e andam sempre após

²⁹ Antonio Pires de Campos. Breve notícia(...), in Afonso de E. Taunay. *Relatos sertanistas*. 1981, pp. 179-200. A data **1723** certamente é erro de impressão, pois no texto são referidos ataques de Paiaguá em 1725, 1726 e 1727, além da fundação da Vila Real do Senhor Bom Jesus em 1727; é possível que a data correta seja 1732. (Os itálicos e negritos são meus).

de boas montaria; os trajés é andarem os homens nus e as mulheres com seus reparos de palha.³⁰

Continuando a viagem, aportando no rio Claro “onde habitam bastante lotes de gentio”, surpreende a presença de plantas como a cana de açúcar e banana:

(...) estes vivem de seus mantimentos, mas mui poucos, o dito mantimento é *mandioca e batatas, e pouco milho* e alguma ***cana de açúcar*** que desta paragem veio no princípio para os engenhos que nestas minas se acham, e ***muitos bananais***, vivem embarcados, a suas armas são arcos, e flechas e lanças; (...) ³¹

Seguindo pelas “campanhas da Vacaria” [atuais campos/pastagens no Pantanal Mato Grosso do Sul] informa de alguns rios com gentios que ali viviam “embarcadiços”, até entrar pela barra do rio Boteteu [rio Miranda-MS] no rio Paraguai, onde cita habitar abaixo os *Paiaguá*, “cujas moradas são sempre andarem embarcados e não terem domicílio certo”. Em um longo trecho conta dos vários ataques aos diversos gentios e aos brancos. Interessante observar a presença do uso do algodão:

O vestuário dos Paiaguá é viverem os homes nus e as mulheres embuçadas com *panos que fazem de algodão* a modo de mantas que é o mesmo que mantilhas. Estes vivem de montarias do rio, não tem aldeias, as suas armas são flechas e lanças, em que são destríssimos, (...) ³²

Nas suas descrições “pelo dito Paraguai acima” novamente a admiração diante do arroz “natural” e, ao detalhar a grandiosidade do ambiente pantaneiro, revela a abundância de águas e o estranhamento frente aos animais e outras “imundícies”:

(...) habitam muitos lotes de gentios, chamado primeiro lote *Guato*, outro *Caracará*, outro *Guacharapos*, (...) estes todos vivem embarcadiços, gente de corso e sem aldeias. Vivem de montarias, *o seu maior sustento é do muito arroz que colhem* no seu tempo de forma que lhe chega para passarem o ano, e o mais sustento é do rio pelo muito peixe que pescam e capivaras que matam que são porcos d’água, jacarés e sucuris, que são umas cobras de estranha grandeza, e *todas mais imundícies que dão os pantanais, nos quais Deus cria o arroz sem mais cultura que a da natureza*, e são estes pantanais tudo terra alagada, que fará de caminho mais de quinhentas léguas, e com *as enchentes dos grandes rios que se vem ajuntar ao rio Paraguai, represam as águas, de sorte que faz um mar oceano*, e se não conhecem as madres de tão caudalosos rios no tempo de seis meses, que dura a sua enchente, fazendo-se deste

³⁰ Ibid, p. 182. (Os itálicos e negritos são meus)

³¹ Id., ibid..

³² Ibid., p. 183

tempo a navegação para as minas do Cuiabá com mais gosto e brevidade havendo bons práticos, e *no tempo das enchentes se colhe o arroz*, crescendo a sua palha no tempo das enchentes enquanto não amadurece. ³³

Também é digno de destaque o informe da nação *Sarayes* [ou *Xaraés*];

(...) é reino repartido em muitas aldeias, em uma delas se contaram noventa e tantas choças, gente mui limpa e asseada, no seu viver pouco ocioso e mui grande lavradores, assim *viviam muito abundantes de mantimentos e outras farturas que lhe permitiam os seus países*.³⁴

Outro aspecto, que remete ao imaginário cristão, de longa duração, é a referência a São Tomé: “(...)em passando uma baía muito grande chamada Hiahiba [Gaíba] se acha uma cruz de pedra que por tradição deve ser posta pelo Apóstolo S. Tomé(...)”.³⁵

Mas é ao tratar *dos Pareci*, que se ateuve mais. “*Reino mui dilatado*”, localiza-o nas “dilatadas chapadas, e todas as águas correm para o Norte”, descrevendo aspectos peculiares de suas lavouras e da caça com o uso do fogo:

È essa gente em tanta quantidade, que não podem numerar as suas povoações ou aldeias, muitas vezes em um dia de marcha se passam dez e doze aldeias, e em cada uma destas tem dez até trinta casas, (...) estes *todos vivem de suas lavouras*, no que são incansáveis, e é gentio de assento e *as lavouras em que mais se fundam são mandiocas, algum milho e feijão, batatas, muito ananazes* [abacaxis], e singulares em admirável ordem plantados, de que costuma fazer seus vinhos, e usam também cercar de rio a rio o campo, entre esta cerca fazem fogos em que caçam muitos veados, emas e outras mais castas (...).³⁶

Destaca ainda as mulheres em suas habilidades de tecer com penas dos pássaros suas vestes, o que realmente causa admiração os *usos* que fazem dos recursos naturais:

Os trajes ordinários desses gentios é trazerem os homens uma palhinha nas partes verendas e as mulheres suas tipoinhas a meia perna, cujos panos fazem elas mesmas de teçume de penas e de ricas cores, com muita curiosidade e labores de várias castas e feitios, (...). Esse gentio feminino é o mais parecido que se tem visto por que são muito claras e bem feitas de pé e perna, e com todas as feições perfeitas(...) Costumam criar araras, papagaios e outros pássaros em casa como quem criam galinhas, e os depenam, e lhe dão com tintas que fazem de diversa cor como querem que depois lhe saiam as penas, e em elas saindo, lhas tiram para as suas obras que

³³ Ibid., p. 184-5

³⁴ Antônio Pires de Campos. Breve notícia (...), op. cit., p.186

³⁵ Ibid., p. 185.

³⁶ Ibid., p.187

fazem, e lhe tornam a pôr segundas tintas para criar novas penas, e de novas cores, e estas são tão vivas e singulares que parecem labirintos, sem que lhe levem vantagem nas cores as melhores sedas da Europa.³⁷

Pelo estilo da narrativa é possível arriscar que o texto se foi ditado a alguém que lhe deu forma erudita. Mas pode-se afirmar que o texto foi *confidencial*, já que elemento para negociações sobre os limites dos domínios ibéricos na América do sul.³⁸ Em 1730 o padre Diogo Soares no Rio de Janeiro escrevia ao rei: “Tenho já junto uma grande cópia de Notícias, vários Roteiros e Mapas dos melhores sertanistas de São Paulo, e Cuiabá, Rio Grande e da Prata (...).³⁹ Interessante observar que é a partir do início desta mesma década de trinta dos setecentos, que em busca de mais índios para escravizar, sertanistas paulistas continuaram suas penetrações expandindo as fronteiras coloniais no sentido do ambiente que hoje conhecemos com Amazônia, ao noroeste de Cuiabá. Os *sertões dos Pareci*, passam a ser devassados, conforme se vê nesta *Notícia*:

(...) saindo uma tropa de gente da vila do Cuiabá a explorar *as campanhas dos gentios chamados Pareci* (...), [que] habitavam *nas dilatadas planícies* ao norte da grande chapada, e achando a referida tropa todo aquele continente destituído de tudo o que pudesse fazer interesse às suas diligências, se determinaram atravessar a *cordilheira das Gerais de oriente para poente; e como estas montanhas são escalvadas*, logo que baixaram à planície da *parte oposta aos campos dos Pareci (que só tem algumas ilhas de arbustos agrestes)*, toparam com ***matos virgens de arvoredo muito elevado e corpulento***, que entrando a penetrá-lo o foram apelidando *Mato Grosso*; e este é o nome que ainda hoje conserva todo aquele distrito.⁴⁰

Portanto, o topônimo *Cuiabá* já estava consolidado, inclusive no título da única vila portuguesa do centro do continente, quando “*toparam com matos virgens de arvoredo muito elevado e corpulento*, quando se inicia a utilização de *Mato Grosso* para referir as margens orientais do rio Guaporé. A partir de então, o Termo da Vila Real do Senhor Bom Jesus do *Cuiabá* passa a compreender uma grande espacialidade que correspondia ao que atualmente são os atuais estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Sem entrar nos detalhes do processo que resultou na criação da Capitania de Mato Grosso no ano de 1748,

³⁷ Ibid., p. 187-8

³⁸ Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o tratado de Madri -Parte I, Tomo I (1695-1735)*. Rio, Instituto Rio Branco, 1952, p. 299. Apud. Carlos Rosa. Síntese instrumental da Tese de Doutorado, 1997. p. 03.

³⁹ Wilson Martins. *História da inteligência brasileira - volume I, 1550-1794*. São Paulo, Cultrix, 1977, p. 338. Apud. Carlos Rosa. Op. cit, 1997

⁴⁰ José Gonçalves da Fonseca, *Notícia da situação de Mato Grosso e Cuiabá, estado de umas e outras minas. [c.1740]*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XXIX, , parte 1^a, 1866, p. 352-3. (Itálicos meus)

é indispensável lembrar em primeiro lugar que *o Mato Grosso*, designativo da região do alto Guaporé inicialmente, traduzia de certa maneira um ambiente e uma paisagem diferentes do *Cuiabá*; e em segundo lugar, a maior proximidade das Missões de Moxos e Chiquitos e de Santa Cruz de la Sierra com as minas do *Mato Grosso*, fez com que a metrópole definisse aquela parte do *termo* da Vila Real do *Cuiabá* como o lugar geopoliticamente mais adequado para sediar em 1752 a Vila Bela da Santíssima Trindade, capital da nova capitania. Aos poucos, esta mesma capitania, que nos documentos que propunham a sua criação era invocada como *capitania do Cuiabá*, passou a receber a denominação de *Capitania de Mato Grosso*.⁴¹

Essa *tradução* do espaço central do continente, marcada por chaves oriundas da tradição indígena, da filosofia, da literatura e da ciência clássica, iluminadas pela teologia cristã, deve ser assumida como *multilíngue* e, portanto, como *multitemporal*, típica das *relações de colonização*, que aqui se configuraram como *sínteses* de repertórios culturais divergentes, de longuíssima elaboração.⁴²

Para tornar mais explícitas as diferenciações da paisagem dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso, nesta mesma *Notícia* o detalhamento geográfico, as variações e os estranhamentos quanto ao clima das *dilatadas chapadas dos Pareci*:

Entre as serras da cordilheira das Gerais e rio Guaporé (...) se levanta um agregado de montes de espessa construção de rochedos, que formam várias chapadas no mais alto da sua elevação e algumas lombadas nos seus declives, cujo composto se dilata em figura quase triangular lançada de leste a oeste, (...) É a positura desta chapada em 16 graus quatorze minutos de elevação austral(...), quase(...)com a entrada que faz o Madeira no grande rio das Amazonas. O *clima* desta região se averigua ser quente e seco e nele é *sumamente irregular o tempo nas suas mutações*, porque reduzido o ano somente a inverno e verão, é este *tão intemperado*, que desde o mês de abril em que principia, até o de setembro em que acaba, *padece aquele território uma interpelação de calor* como costuma haver de ordinário na zona tórrida, em que jaz, e *frio tão desordenado, como em Portugal se experimenta no janeiro mais desabrido*. Acha-se o dia claro de sol intenso e, de repente, se levanta do sueste um *vento frigidíssimo* com uma serração de neblina tão espessa, que apenas pelos campos e pelas ruas se divisam as pessoas quando chegam a encontrar-se. É preciso, *com acidente tão estranho*, desampararem os trabalhadores o serviço das faisqueiras e lavouras e

⁴¹ A respeito da constituição do espaço urbano e formação de uma sociedade colonial nesta parte central do continente sul-americano, ver Carlos Alberto Rosa, *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, Tese de Doutorado, USP, 1996, e em mais recente publicação “O urbano colonial na terra da conquista”, In: Carlos Alberto Rosa e Nauk Maria de Jesus (orgs), *A Terra da Conquista: história de Mato Grosso colonial*, Cuiabá: 2003, pp. 11-66

⁴² Carlos Alberto Rosa, 1997, p. 3.

fecharem-se nas casas, aonde só bem enroupados e com o benefício do lume podem resistir ao frio, *que já em ocasiões foi tão grande, que apanhando em partes ermas alguns escravos, os privou da vida*; razão porque logo que o horizonte austral dá os primeiros sinais de *tão espantosa friagem*, logo põem toda a diligência de se recolher a povoado todos os que se acham dispersos pelas chapadas.⁴³

Mesmo que não pretendendo uma síntese no processo de espacialização da conquista colonial portuguesa, neste breve rastreamento de alguns dos olhares que se constituíram em narrativas “dadas a ler”, creio ter apresentado algumas pistas que tornaram a natureza mais visível no conjunto de relações históricas nos “dilatados” e “infestado de índios” sertões do Cuiabá e Mato Grosso. Ao re-compor instantes de passado, aspectos da natureza descritos⁴⁴ nas admirações, nos medos e nas repulsas, e em muitos outros sentimentos extravasados diante de “descobrimientos” e estranhamentos que revelaram ora o paraíso, ora o inferno, nas vivas interações nas terras e águas do centro da América do sul. E, se compararmos as paisagens descritas no século XVIII, com as deste tempo presente, certamente vamos nos deparar com “outras naturezas”. O êxtase ou o assombro diante da exuberância e diversidade talvez não seja mais possível, mas quem sabe possamos entender das relações das sociedades com a natureza, alguns dos caminhos percorridos, as alternativas possíveis que não foram consideradas, enfim o papel da natureza nas histórias das sociedades, o que pode nos levar a fortalecer ações por novos presentes e composições de projetos de futuro que incorporem a dimensão ecológica.

⁴³ José Gonçalves da Fonseca, Notícia da situação de Mato Grosso e Cuiabá, cit., p. 378-9.

⁴⁴ Conferir em expressões destacadas em *itálico* ao longo das citações tais como: *largas e dilatadas baías, mar oceano, matos virgens de arvoredos muito elevado e corpulento, Deus cria o arroz sem mais cultura que a da natureza, não faltam onças que tem feito algumas mortes, mortandade de gente por falta de sustento, doenças, comidos de onças e outras muitas misérias...*

BIBLIOGRAFIA (citada):

AMADO, Janáina. “Região, Sertão, Nação”. *Estudos Históricos: História e Região*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995.

ANÔNIMO. *Demonstração dos diversos caminhos de que se servem os moradores de São Paulo para o Cuiabá e província dos coxiponés*. Em A. de E Taunay, *Relatos sertanistas* (1981)

CAMELO, João Antônio Cabral. Notícias práticas das minas de Cuiabá e Goias na capitania de São Paulo e Cuiabá que dá ao reverendo padre Diogo Soares, o capitão João Antônio Cabral Camelo, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. Em Afonso de E. Taunay, *Relatos monçoeiros* (1981), pp. 118-145

CAMPOS, Antônio Pires de. *Breve notícia que dá o capitão Antônio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo, na qual declara-se os reinos a que chegou e viu por maior...* Em Afonso de E. Taunay, *Relatos sertanistas* (1981).

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo, *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997

CASTRO, Inês Malta. *Sociedade e Natureza em Mato Grosso(1850-1930)*, Tese de doutorado, Brasília: CDS, UnB, 2001

CHARTIER, Roger *História Cultural: entre práticas e representações*. (Trad: Maria Manuela Galhardo), Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Difel/Bertrand, 1990

COSTA, Maria de Fátima. *Histórias de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI/XVIII*, Ed. Estação Liberdade, São Paulo, 1999.

_____. “Deus e o diabo em terras molhadas”, In: *Territórios e Fronteiras*- Revista do Programa de Mestrado em História, Cuiabá: UFMT Vol.1, nº1, jul/dez. 2000, pp. 63-84.

FONSECA, José Gonçalves da. Notícia da situação de Mato Grosso e Cuiabá, estado de umas e outras minas. [c.1740], *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XXIX, parte 1^a., 1866.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da “civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. Tese de doutorado, São Paulo: FFLCH/USP, 2000

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, (3^a ed. ampliada), 1990

PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*, S. Paulo/Belo Horizonte: EdUSP/Itatiaia, 1976.

PRESOTTI, Thereza Martha Borges *O novo descobrimento das minas e sertões do Cuiabá: a mentalidade da conquista*. Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB, 1996.

ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII (1722-1808)*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1996.

_____. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá Síntese Instrumental da Tese de Doutorado*, Cuiabá, UFMT, 1997

ROSA, Carlos Alberto & JESUS, Nauk Maria de (orgs). *A Terra da Conquista: história de Mato Grosso colonial*, Cuiabá: Editora Adriana, 2003

SÁ, José Barbosa de. *Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos.*, Cuiabá: Ed. UFMT/SEC, 1975

TAUNAY, A. de E . *Relatos Monçoeiros*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia,1981

_____. *Relatos sertanistas*. São Paulo/Belo horizonte: Edusp/Itatiaia, 1981

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. (Trad: João Roberto Martins Filho), São Paulo: Companhia das Letras, 1988